

CONCORDÂNCIA NOMINAL: ANÁLISE DA VARIAÇÃO EM MACEIÓ

Andressa Kaline Luna de Oliveira Marques (UFAL)

andressakalineluna@hotmail.com

A Sociolinguística Variacionista tem como expoente William Labov (2008) cujo estudo visa analisar o processo de variação e mudança linguística, tomando por base a correlação entre os fatores linguísticos e extralinguísticos. A partir dessa perspectiva, o presente trabalho, que se trata de uma pesquisa em construção, busca analisar a concordância de número no sintagma nominal na língua falada pelos maceioenses, através da correlação das variáveis extralinguísticas sexo e escolaridade; bem como, com a variável linguística posição linear do constituinte do sintagma nominal. Para isso, serão consideradas as falas de 48 informantes nativos de Maceió as quais estão disponíveis no banco de dados Descrição e Análise de Aspectos Gramaticais e Variacionais de Línguas Brasileiras coordenado pelo Prof. Dr. Aldir Santos de Paula. Esses informantes foram entrevistados sobre assuntos do cotidiano como família e política _ as entrevistas duraram em média 30 minutos cada, e estratificados através dos seguintes critérios: sexo; escolaridade (nível fundamental (completo ou não), médio (completo ou não) e superior (completo ou não)) e idade (dos 15 aos 25; dos 26 aos 50 e acima de 50 anos). A fim de compreender a realização do fenômeno linguístico no Brasil será feita uma análise bibliográfica de pesquisas pioneiras como a de Braga (1977) realizada no Triângulo Mineiro, a desenvolvida por Scherre (1978) no Rio de Janeiro e a realizada por Carvalho (1997) no Rio de Branco- AC. Também serão comparados os dados obtidos nesses estudos com os resultados parciais desta pesquisa.

1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Antes do surgimento da Sociolinguística os estudos linguísticos analisavam a língua enquanto um sistema fechado, homogêneo, analisável sincronicamente e invariável, postura impulsionada pela necessidade de demonstrar o caráter científico e autônomo da Linguística. A partir dos anos de 1960 as discussões sobre os fenômenos variáveis da língua expandiram-se com o surgimento da Sociolinguística que dispõe de critérios metodológicos necessários para análise de tais fenômenos. Weinreich, Herzog e Labov (2006), levando em consideração os estudos históricos da língua e recebendo influência da Dialetoлогия, marcaram o ponto de partida da Sociolinguística Variacionista e apontaram uma série de variações linguísticas relacionadas aos aspectos sociais dos informantes, o que explicaria a variação.

Em 1972, Labov publica *Padrões Sociolinguísticos* que representa a consolidação da Sociolinguística Variacionista. Acoplado algumas pesquisas realizadas por ele, a obra expõe que os fenômenos de variação e mudança linguística estão relacionados às questões de valor social, o que lhe possibilita uma descrição quantitativa da variação linguística e social. Nessa perspectiva, a Sociolinguística Variacionista observa a correlação das variáveis linguísticas (sintáticas, morfológicas, fonéticas, lexicais e discursivas) com as variáveis sociais (idade, sexo, escolaridade e outras) de modo a explicar como os fatores externos interferem na produção linguística dos falantes de uma comunidade de fala.

Ao perceber a língua como um sistema evolutivo, heterogêneo e social Labov (2008) afirma que ela deve ser descrita e analisada em situações reais de uso, ou seja, no contexto da comunidade de fala. Esta constituída por falantes que compartilham traços linguísticos diferentes dos pertencentes a outros grupos, que possuem uma alta frequência de comunicação entre si e utilizam as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da língua. Labov (2008) observa que as diferenças em uma mesma comunidade de fala implicam diferenças em uma mesma gramática, enquanto que diferentes comunidades de fala fazem uso de gramáticas distintas, ou seja, o que caracteriza que um indivíduo é componente de uma comunidade é o domínio das normas linguísticas utilizadas nela e conseqüentemente o compartilhamento dos valores que as estabelece. Com isso surge a diversidade linguística, na qual uma mesma língua é composta por diversas variantes pertencentes a comunidades de fala distintas.

As delimitações de uma comunidade de fala atravessam as intenções do pesquisador ao estabelecer fronteiras no campo de estudo, o que é indispensável, uma vez que nenhuma pesquisa variacionista consegue explicar de uma só vez as mudanças e variações existentes na língua. Uma pesquisa, por exemplo, que busque explicar um determinado fenômeno linguístico que se realize no Brasil, em relação aos demais países de Língua Portuguesa, deve considerar toda a comunidade de falantes no Brasil como uma comunidade de fala, embora que se isolarmos um fenômeno linguístico qualquer produzido no português deste país, ele pode apresentar diferentes usos em diferentes regiões geográficas. De modo, que é o olhar do investigador que vai determinar, de acordo com a variação a ser estudada, os limites da comunidade de fala. Exemplifica-se também essa delimitação da comunidade de fala através desta pesquisa realizada sob a orientação do Prof. Dr. Aldir Santos de Paula e vinculada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística ofertado pela Ufal.

Nesta pesquisa delimita-se Maceió como uma comunidade de fala e busca-se analisar as possíveis realizações de pluralização dos elementos do sintagma nominal na língua em uso na capital alagoana com o intuito de perceber suas correlações com o fator linguístico posição linear do constituinte do sintagma nominal e os extralinguísticos escolaridade e sexo. O que possibilitará compreender o fenômeno linguístico e constatar se há ou não variação sincrônica desse objeto linguístico em Alagoas.

Outro ponto abordado por Labov (2008) são as escolhas linguísticas dos indivíduos. Ele afirma que elas se vinculam, em grande medida, ao processo identificatório deles, uma vez que, atos linguísticos são atos de identidade. Tome-se como exemplo, a alta centralização do fonema [a] nos ditongos [ay] e [aw] na fala dos moradores nativos da ilha de Martha's Vineyard, que conservam nessa forma linguística, os valores e a identidade nativa em resistência aos veranistas que apresentam baixas centralizações nesses ditongos em suas falas. Exemplifica-se, também, através do uso do [r] pós-vocálico utilizado pelos empregados de lojas de departamento em Nova York: nas lojas de alto padrão (voltados ao público de classe média alta) eles faziam mais uso do [r] – forma padrão de prestígio, do que os trabalhadores das lojas mais frequentadas pela classe baixa. Vale ressaltar que os funcionários das lojas de alto padrão conformavam-se com baixos salários em virtude do prestígio social que as lojas poderiam proporcioná-los.

Desse modo, nota-se que é o valor social que se atribui à comunidade de fala e ao conjunto de variáveis por ela utilizada que motiva o processo de variação e mudança linguística. Conseqüentemente, o surgimento de uma variante não depende de uma outra equivalente, mas unicamente dos valores sociais que lhe são atribuídos. Portanto, a

Sociolinguística Variacionista concebe a língua como heterogênea, variável, social e analisável no contexto da comunidade de fala.

2 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS: SEXO E ESCOLARIDADE

A relação entre sexo e linguagem tem sido um tema privilegiado na sociolinguística, possibilitando inúmeras pesquisas que buscam responder a indagação: Por que homens e mulheres escolhem na estrutura da língua formas diferentes para suas falas? Para responder tal questão, faz-se necessário considerar a sociedade patriarcal que tem como líder o homem, este livre para expor suas ideias com qualquer expressão visto que ele é julgado por sua produção na sociedade e não por sua linguagem. A mulher, por sua vez, é submissa e ensinada desde sua infância que deve comportar-se de maneira exemplar diante da sociedade, ser portadora de gestos delicados e de uma linguagem “correta”, polida que reflita o caráter e a postura cobrada a ela pelo meio social, por isso as mulheres usam com mais frequência a Língua Padrão, a variável de prestígio utilizada pela maioria da elite socioeconômica. Labov (2008) afirma que no discurso cuidado, as mulheres empregam menos as variantes estigmatizadas do que os homens e, assim sendo, parecem mais sensíveis aos valores sociais que condicionam a língua.

Com estudo na mesma linha, Trudgill (1979) realizou uma pesquisa na Inglaterra e constatou que as mulheres valorizam mais a norma culta padrão do que os homens, e estes usam mais a linguagem não-padrão. Conforme esse teórico esse fato deve-se a posição subordinada das mulheres na sociedade, pois enquanto os homens podem ser avaliados socialmente pelo que fazem, as mulheres são avaliadas primeiramente pelo que aparentam.

Com isso, é possível explicar as diferenças linguísticas entre os sexos da seguinte maneira: cada classe social utiliza uma dada variável linguística, mas existem pressões sociais sobre os falantes para que eles usem a forma utilizada pela classe social dominante, as mulheres sofrem mais essas pressões por terem consciência do seu status subordinado dentro de uma sociedade patriarcal que exige delas o comportamento exemplar, por isso utilizam com mais frequência a norma culta padrão tida como correta.

Outro fator extralinguístico que se correlaciona com a língua é a escolaridade, uma vez que em boa parte dos trabalhos realizados no Brasil ele tem se mostrado relevante, a exemplo na pesquisa realizada Scherre (1988) sobre o uso da marca de plural no sintagma nominal na fala dos habitantes do Rio de Janeiro. Nesse trabalho toma-se como sujeitos de investigação falantes da Língua Portuguesa que possuem graus distintos de instrução escolar: primeiro grupo (indivíduos que cursaram de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental), segundo grupo (informantes que cursaram de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental). Com essa análise, Scherre constata que a frequência de uso da variante estigmatizada no sintagma nominal entre os informantes com menor escolaridade é maior do que entre os do grupo que apresenta característica inversa, logo constata a correlação entre a escolaridade e a língua do indivíduo.

3 ANÁLISE DA CONCORDÂNCIA NOMINAL NO BRASIL

A Teoria Sociolinguística Variacionista aflorou no Brasil na década de 70 e desde então diversos trabalhos têm contribuído para a descrição e análise de fenômenos linguísticos do Português Brasileiro nessa perspectiva. Alguns pesquisadores, que estudaram a linguagem oral de habitantes de algumas cidades brasileiras elegeram a

concordância de número no sintagma nominal como objeto de análise e chegaram à conclusão de que a regra de concordância comporta-se como sincronicamente variável porque se concretiza de diferentes formas, com a marca de plural presente em: todos os elementos do sintagma nominal (ex: As bonecas bonitas); alguns elementos do sintagma nominal (ex: As bonecas bonita) e somente em um elemento do sintagma nominal (ex: As boneca bonita).

Um dos primeiros estudos, nesse sentido, foi realizado por Braga (1977) que analisou a fala de sete informantes residentes no Triângulo Mineiro, pertencentes a faixa etária que compreende de 15 a 20 anos, com escolarização de 1º e 2º graus incompletos e pertencentes às classes sociais média e baixa. Nesse estudo Braga analisou a concordância nominal através da correlação das variáveis extralinguísticas classe social e grau de formalismo da gravação; bem como, com as variáveis linguísticas presença ou ausência de flexão no termo imediatamente anterior ao elemento considerado; natureza fonológica do contexto seguinte; posição que o elemento ocupa no sintagma nominal e grau de saliência fônica na oposição singular/plural.

Em relação a variável classe social Braga constatou que os informantes da classe média utilizam com mais frequência a concordância nominal conforme prescreve a variante de maior prestígio social do que os que pertencem à classe menos favorecida. Ela observou também que a variável Grau de formalismo foi mais relevante entre os informantes da classe média, pois esses apresentaram com mais frequência em suas falas a variante portadora de maior prestígio social em situações de maior formalismo. Sobre a primeira variável linguística mencionada constatou-se que a variante “elemento anterior não flexionado” apresenta maior chance de aplicação da regra de concordância conforme prescreve a normatização da língua portuguesa do que a variante “elemento anterior flexionado”.

Os resultados obtidos em relação a variável natureza fonológica do contexto seguinte demonstram que a regra normatizada da concordância nominal

tende a se aplicar mais vezes ante os contextos fonológicos constituídos por velares, labiais e pausa, seguindo-se-lhe um segundo grupo que compreende as vogais nasais e dentais e, finalmente, aplica-se menos ainda a contexto subsequentes constituídos por palatais. (BRAGA, 1977, p.51)

Observou-se também que os falantes pertencentes à classe média estão de acordo com o princípio que rege a saliência fônica, as formas mais salientes são mais marcadas do que as menos salientes, enquanto que os falantes da outra classe social abordada inserem /S/ em palavras de plural regular desfavorecendo a aplicação da regra de plural nos demais vocábulos. Outra variável analisada por Braga é a posição linear do constituinte do sintagma nominal, sobre essa variável ela pode constatar que os informantes tendem a utilizar mais a marca de plural no primeiro elemento do sintagma nominal e decrescer o uso da marca nos demais elementos do sintagma.

Outro estudo pioneiro sobre o mesmo fenômeno linguístico foi realizado por Scherre em 1978 no Rio de Janeiro. Nesse estudo tomou-se para análise a fala de dez informantes semi-escolarizados e escolarizados, na faixa etária entre 16 e 23 anos, sendo cinco do sexo masculino e cinco do feminino. Analisou-se nessa pesquisa a concordância de número no sintagma através da correlação de algumas variáveis, entre elas: saliência fônica; posição linear do constituinte do sintagma nominal; sexo; escolaridade e grau de formalismo. Constatou-se sobre a variável saliência fônica que quanto maior o grau de saliência fônica na posição singular/plural mais se aplica as

marcas de plural. Vale ressaltar, porém, que os falantes semi-escolarizados, por sua vez, apresentam uma hierarquia menos marcada.

Sobre a variável posição constatou-se que há uma tendência de marcar com mais frequência à primeira posição no sintagma nominal. Quanto as variáveis extralinguísticas: sexo, escolaridade e grau de formalismo a autora afirma que a primeira não exerce influência sobre a aplicação da regra normatizada da concordância de número no sintagma nominal, enquanto que as demais variáveis foram relevantes, uma vez que quanto maior o nível de escolarização e o grau de formalismo mais se utiliza a variante de maior prestígio social no sintagma nominal.

Carvalho (1997), por sua vez, pesquisou o uso da marca de plural nos elementos do sintagma nominal na língua dos falantes de Rio Branco – AC. Para isso ela analisou a fala de vinte e quatro informantes, sendo 12 do sexo masculino e 12 do feminino, ambos pertencentes à classe socioeconômica baixa e distribuídos em três graus de escolarização: analfabetos, de 1ª a 4ª e de 5ª a 8ª séries. A fim de analisar o fenômeno linguístico da concordância nominal Carvalho observou a correlação dele com as variáveis linguísticas saliência fônica, posição linear do constituinte do sintagma nominal, classe gramatical, marcas precedentes e contexto fonético fonológico seguinte; como também com as variáveis linguísticas escolaridade e sexo.

Sobre a saliência fônica constatou-se nessa pesquisa que as formas salientes são mais marcadas do que as menos perceptíveis. Em relação a variável posição pode-se constatar que a primeira posição é quase categoricamente marcada, havendo o decréscimo do uso da marca de plural na segunda posição do sintagma nominal. No entanto, ao analisar a classe gramatical, em relação a variável posição, observa-se que os determinantes são mais marcados nas duas posições. Observa-se também que os adjetivos são ligeiramente mais marcados do que os substantivos nas duas posições. As variáveis marcas precedentes e contexto fonético/fonológico seguinte não foram selecionadas como estatisticamente relevantes para a investigação linguística sobre a concordância nominal.

Sobre a análise da correlação da concordância nominal e as variáveis extralinguísticas escolaridade e sexo constatou-se que a primeira exerce grande influência no uso das marcas de plural formais do sintagma nominal, “porquanto à medida que se eleva o grau de escolaridade do informante, mais chance ele tem de aplicar a regra da norma de maior prestígio social” (CARVALHO, 1997, p.155). Sobre a variável sexo constatou-se que no Rio Branco os homens utilizam mais em suas falas a concordância nominal conforme prescreve a normatização da Língua Portuguesa, destacam-se no uso dessa variante funcionários públicos e balconistas, provavelmente esse fato se deve ao engajamento deles no mercado ocupacional o que proporcionaria um maior contato com os falantes que tendem a utilizar a variante de maior prestígio social, ao contrário das mulheres que foram entrevistadas que se ocupam com os afazeres domésticos.

Em Alagoas, Salgado et al (2006) analisou a concordância de número, no entanto observando os predicativos adjetivos e os participios passivos na fala dos habitantes de Maceió. Para isso utilizaram como instrumento de investigação a entrevista livre e o teste de percepção. O primeiro instrumento foi utilizado para colher a fala coloquial de 8 informantes, sendo 4 do sexo masculino e 4 do feminino, distribuídos em dois níveis de escolarização: os que possuíam nível superior e os que não possuíam. O teste de percepção, por sua vez, foi entregue a 16 informantes estratificados conforme o mesmo princípio adotado na composição do grupo de oito falantes. Nesse teste foram expostas frases com variantes das diversas formas de concordância, a forma com maior prestígio social e as estigmatizadas. Os falantes

escolheram as opções para eles mais adequadas para completar as frases designadas. Em ambos os textos foi constatado que as mulheres utilizam mais a variante padrão do que os homens e que a escolaridade não exerceu forte influência no uso das marcas formais de plural no sintagma nominal.

4 A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NO SINTAGMA NOMINAL NA LÍNGUA DA CAPITAL ALAGOANA

Nesta pesquisa busca-se analisar a concordância de número no sintagma nominal na língua falada em Maceió através da correlação entre os fatores extralinguísticos escolaridade e sexo; como também com a variável linguística posição linear do constituinte do sintagma nominal. Para isso, são consideradas as falas de 48 informantes nativos de Maceió as quais estão disponíveis no banco de dados Descrição e Análise de Aspectos Gramaticais e Variacionais de Línguas Brasileiras coordenado pelo Prof. Dr. Aldir Santos de Paula. Esses informantes foram entrevistados sobre assuntos do cotidiano como família e política _ as entrevistas duraram em média 30 minutos cada, e estratificados através dos seguintes critérios: sexo; escolaridade (nível fundamental (completo ou não), médio (completo ou não) e superior (completo ou não)) e idade (dos 15 aos 25; dos 26 aos 50 e acima de 50 anos).

Por tratar-se de uma pesquisa em construção o presente trabalho não possui resultados finais, apenas considerações parciais baseadas na análise de seis amostras, sendo que três exemplifica a fala de informantes do sexo masculino e as demais exemplificam as do sexo feminino. Essas amostras subdividem-se conforme o grau de escolarização dos informantes: nível fundamental, médio e superior. Nesta seção analisaremos as variáveis mencionadas conforme as amostras abordadas neste início de pesquisa e compararemos com as conclusões obtidas em outras pesquisas sobre o mesmo fenômeno linguístico.

4.1 VARIÁVEL ESCOLARIDADE

Alguns estudos realizados sobre a concordância nominal confirmam a hipótese de que quanto maior o grau de escolarização mais se aplica as marcas formais de plural. Neste trabalho, através da análise de seis amostras, a variável escolaridade tem se mostrado relevante no uso das marcas de plural no sintagma nominal, conforme os dados expostos no quadro a seguir:

Informantes	Total de Enunciados/ Frequência de uso	Porcentagem
Nível Fundamental	120/39	32,5%
Nível Médio	135/55	40,74%
Nível Superior	138/63	45,65%

Quadro 1: Resultado parcial sobre a correlação da variável escolaridade e o uso das marcas de plural formais no sintagma nominal baseado na análise de seis amostras.

Conforme esses dados depreende-se que os informantes com maior nível de escolaridade tendem utilizar com mais frequência em suas falas às marcas de plural conforme prescreve a variante de maior prestígio social. Dessa forma os resultados variam numa escala progressiva no sentido: falantes que possuem nível fundamental aos que possuem nível superior. Percebe-se, portanto que da mesma maneira que a variável

escolaridade mostrou-se relevante nos estudos realizados por Scherre (1978) e por Carvalho (1997), pois constataram que quanto maior o nível de escolarização mais se utiliza as marcas formais de plural, parece também mostrar-se relevante nesta pesquisa.

4.2 VARIÁVEL SEXO

Sobre a variável sexo pode-se perceber através da análise das seis amostras que há uma tendência dos informantes do sexo masculino em utilizar com maior frequência as marcas de plural no sintagma nominal conforme prescreve a variante de maior prestígio social. Conforme se pode depreender dos dados do quadro abaixo:

Informantes	Total de Enunciados/ Frequência de uso	Porcentagem
Masculinos	177/73	41,24%
Femininos	216/84	38,89%

Quadro 2: Resultado parcial sobre a correlação da variável sexo e o uso das marcas de plural formais no sintagma nominal baseado na análise de seis amostras.

Percebe-se através desses dados que assim como na pesquisa realizada no Rio Branco – AC por Carvalho (1997) os informantes do sexo masculino neste trabalho parecem apresentar mais a variante de prestígio no sintagma nominal, diferentemente das pesquisas realizadas por Scherre (1978) no Rio de Janeiro, na qual a variável sexo não se mostrou relevante, pois não exerceu influência sobre a aplicação da regra normatizada da concordância de número no sintagma nominal e da pesquisa realizada em Alagoas por Salgado et al (2006) em que as mulheres mostraram-se pro norma.

4.3 VARIÁVEL POSIÇÃO LINEAR DO CONSTITUINTE DO SINTAGMA NOMINAL

Em relação à posição linear do constituinte do sintagma nominal pode-se contatar em primeira análise que a primeira posição apresenta mais a marca de plural do que as demais posições do sintagma, o mesmo constatado nas pesquisas realizadas por Braga (1977), Scherre (1978) e por Carvalho (1997). No entanto, através da análise da proposta de Scherre (1988) viu-se a necessidade de se considerar, no decorrer da composição desta pesquisa, a variável posição/classe/relação, uma vez que “uma análise da concordância nominal que leve em conta apenas a variável posição linear encobre regularidades linguísticas importantes” (NARO E SCHERRE, 2007, p.38).

Pretende-se, portanto, considerar na análise da variável proposta por Scherre sete categorias que são:

- 1) Classe não-nuclear anteposta na primeira posição (constituída pelos adjetivos, possessivos, quantificadores, artigos, demonstrativos, identificadores e indefinidos que ocorrem na primeira posição do sintagma nominal);
- 2) Classe não-nuclear anteposta na segunda posição (constituídas pelos possessivos, adjetivos, quantificadores, artigos, demonstrativos, identificadores e indefinidos antepostos na segunda posição do sintagma nominal);
- 3) Classe nuclear na primeira posição (substantivos, pronomes pessoais e outras classes gramaticais que ocorrem na primeira posição do sintagma nominal);

- 4) Classe nuclear na segunda posição (substantivos, pronomes pessoais e outras classes gramaticais no lugar do núcleo que ocorrem na segunda posição do sintagma nominal);
- 5) Classe nuclear nas demais posições (substantivos, pronomes pessoais e outras classes gramaticais no lugar do núcleo que ocorrem na terceira, quarta, quinta e sexta posições no sintagma nominal);
- 6) Classe não-nuclear posposta na segunda posição (constituída pelos adjetivos, possessivos, quantificadores, identificadores e indefinidos que ocorrem antepostos na segunda posição do sintagma nominal);
- 7) Classe não-nuclear posposta nas demais posições (constituída pelos adjetivos, possessivos, quantificadores, identificadores e indefinidos que ocorrem pospostos na terceira, quarta, quinta e sexta posições do sintagma nominal);

Através dessas categorias pretende-se posteriormente, no decorrer da construção desta pesquisa, verificar se os condicionamentos que levam a primeira posição a ser a mais marcada no sintagma nominal deve-se apenas a variável posição ou a variável tríplice posição/classe/relação considerada mais relevante por Scherre (1988) que constatou que as classes não-nucleares antepostas ao núcleo do sintagma são mais marcadas do que as classes nucleares, independente das posições que elas ocupam no sintagma e do que as classes não-nucleares pospostas ao núcleo, ou seja, os determinantes antepostos ao núcleo são os mais marcados no sintagma, o que nos leva a inferir que a primeira posição é a mais marcada do sintagma porque predominantemente é preenchida por determinantes.

CONCLUSÃO

Neste trabalho analisou-se a concordância de número no sintagma nominal na língua falada pelos maceioenses, através da correlação das variáveis extralinguísticas sexo e escolaridade; bem como, com a variável linguística posição linear do constituinte do sintagma nominal. Pode-se constatar, até então, nesta pesquisa que os falantes que possuem maior nível de escolaridade e que são do sexo masculino utilizam com mais frequência em suas falas às marcas de plural conforme prescreve a variante de maior prestígio social do que os informantes com características inversas. Vale ressaltar, porém que como tratasse de uma pesquisa em construção os resultados não são definitivos, apenas parciais baseados na análise de seis amostras, logo os resultados apontados podem ser confirmados ou refutados no decorrer da pesquisa através da análise das demais amostras do corpus. Em relação a variável linguística posição constatou-se em primeira análise que todos os informantes marcam com mais frequência à primeira posição do sintagma nominal do que as demais posições. No entanto, ressaltou-se que no decorrer do desenvolvimento da pesquisa pretende-se analisar a correlação da concordância nominal e a variável posição/classe/relação proposta por Scherre (1988) a fim de observar se a marca de pluralidade exposta na primeira posição deve-se a variável posição ou a variável ternária mencionada. Buscou-se também neste trabalho comparar os resultados obtidos por Braga (1977), Scherre (1978), Carvalho (1997) e por Salgado et al (2006) com os resultados parciais desta pesquisa afim de se observar como o fenômeno linguístico analisado comporta-se em

outras regiões do Brasil. Portanto, buscou-se nesta pesquisa através da análise das variáveis sociais e linguística correlacionadas com o uso da marca de plural no sintagma nominal em Maceió e através da análise bibliográfica de outras pesquisas sobre o mesmo fenômeno linguístico realizadas em outras regiões brasileiras compreender o fenômeno linguístico, ampliando o conhecimento que proporcionará o contínuo de investigações referente ao tema em Alagoas. O que possibilitará a constatação de que há ou não variação sincrônica desse objeto linguístico no Estado.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Maria Luiza. *A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro*. 1977. 88f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1977.

CARVALHO, Raimunda Coelho. *A concordância de número no sintagma nominal na fala urbana de Rio Branco*. (Mestrado em Letras) Instituto de Estudos da Linguagem/IEL, UNICAMP – Campinas, 1997.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics: an Introduction*. Great Britain: Penguin Books, 1979.

SALGADO, Solyany Soares (et al). Concordância de número nos predicativos adjetivos e participios passivos do português falado em Maceió: um estudo variacionista. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GRUPOS PET, 11., 2006, Florianópolis, *Anais eletrônicos...* Florianópolis, UFSC, 1996. Disponível em: <<http://www.enapet.ufsc.br/>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2013.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. Rio de Janeiro, PUC, Departamento de Letras e Artes, 1978. Dissertação de Mestrado, inédito.

_____. *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1988.